



TRADUÇÃO

GEORGE BERKELEY: SOBRE A IMORTALIDADE¹

Jaimir Conte*

Jesus Cristo, o qual aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho (Timóteo 1: 10).

Se o conhecimento da vida eterna pode ou não ser incluído entre as aquisições de alguns filósofos antigos, não vou investigar agora. Seja como for, estou certo de que a doutrina da vida e da imortalidade nunca foi tão atual e universal como desde o advento de nosso abençoado Salvador. Pois embora se admita, o que, porém, é muito difícil de imaginar, que alguns de extraordinária capacidade e aplicação poderiam, pela força da sua razão sozinha, ter obtido um conhecimento demonstrativo desse ponto importante; não obstante os que não tiveram tempo ou condições para fazer uma descoberta tão grande e difícil, que foi sem dúvida a maior parte da humanidade, devem ainda ter permanecido na obscuridade; pois, embora os que vissem mais longe do que os outros homens devessem lhes contar o resultado de seus raciocínios, contudo aquele que não conhecesse as premissas nunca poderia estar certo da conclusão a não ser que seu mestre tivesse o poder de fazer milagres a favor de sua convicção. Portanto, é evidente que, sejam quais forem as descobertas que tenham sido feitas sobre um estado futuro por aqueles que entretiveram seus pensamentos dessa maneira, até onde puderam ver, contudo toda essa luz foi sufocada em seus próprios peitos, não sendo um raio para iluminar o resto da humanidade até o alvorecer do sol da justiça, o qual trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho. Ao discorrer sobre suas palavras observarei o seguinte método: primeiro considerarei que efeito essa revelação teve no mundo cristão;

¹ Este discurso, encontrado entre os manuscritos de Berkeley, foi publicado pela primeira vez em 1871 por Alexander Campbell Fraser, em sua *Collected Edition of the Works of Bishop Berkeley with Annotations*. (LL pp. 598-604). No final do manuscrito, que atualmente se encontra no Museu Britânico, Berkeley registrou a data de 11 de janeiro de 1707/8. Berkeley tinha então 23 anos de idade. Isso indica que este discurso, próximo dos sermões que depois ele viria a escrever, foi escrito antes de ser ordenado diácono da Igreja da Irlanda na capela do colégio do Trinity College de Dublin em 19 de fevereiro de 1709. A tradução aqui apresentada baseia-se na edição organizada por Luce e Jessop. *The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*. Luce, A. A. and Jessop, T. E. London and Edimburgh: Nelson, 1948, v. 7, 9-15.

* Professor do Departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br

depois perguntarei como é que sucede que não tem maior efeito sobre nossas vidas e conversações; em terceiro lugar, mostrarei por que meios pode ser mais eficaz.

Quanto ao primeiro ponto, poder-se-ia pensar que não seria preciso ir longe para buscar os efeitos de uma revelação tão importante e universal – uma revelação da miséria ou felicidade eterna, a herança inevitável de cada homem, dada pelo Filho de Deus, confirmada pelos milagres e reconhecida por todos os adeptos do cristianismo. Se alguns dentre os pagãos praticaram boas ações sem outra perspectiva a não ser as vantagens temporais para a sociedade civil; se foram encontrados outros que pensavam que a virtude era uma recompensa suficiente por si mesma; se a razão e a experiência já haviam convencido o mundo de quão desagradável e destrutivo havia sido o vício, tanto para seus devotos quanto para ao resto da humanidade, que homem não abraçaria uma coisa em si mesma tão adorável e útil como a virtude quando recomendada pela gloriosa recompensa da vida e imortalidade? Que miserável tão obstinado e tolo que não evite o vício, coisa tão odiosa e pernicioso, quando desencorajado por causa dos terrores adicionais da morte e da condenação eterna? Assim um homem poderia pensar que uma reforma completa dos costumes é o efeito necessário de uma doutrina como a do nosso Salvador. Quem sabe possa imaginar que os homens, tão logo seus olhos se abrissem, abandonariam todos os pensamentos dessa terra transitória, e estenderiam seus olhares para aquelas recém descobertas regiões da vida e imortalidade. Assim, digo eu, um homem poderia esperar e discutir com ele mesmo. Mas, aí, receio que ao se investigar tudo isso se encontrarão esperanças frustradas e especulações vazias.

Vejamos um pouco a realidade. Até onde, eu vos suplico, nós cristãos superamos os antigos pagãos romanos em temperança e fortaleza, em honra e integridade? Somos menos dados ao orgulho e à avareza, à disputa e à dissensão, do que os nossos antepassados pagãos. Para nós que temos a imortalidade em vista, a antiga doutrina do ‘coma e beba porque amanhã morreremos’ não está tão em voga como sempre? Nossos habitantes da cristandade, iluminados com a luz do Evangelho, instruídos pelo Filho de Deus, são desconhecidos do mundo pagão? E é menos certo do que maravilhoso que agora, quando a plenitude do tempo chegou, e a luz do Evangelho se apresentou para guiar todos os homens através da piedade e da virtude para a felicidade eterna, digo eu, não é igualmente evidente e estranho, que nessa hora do dia e nessas partes do mundo os homens caminhem juntos pelo que ouvem sobre as coisas dessa vida, e lutem por um pouco de terra à vista do céu?

Passo agora a investigar a causa dessa estranha cegueira e obsessão dos cristãos, de onde é que a imortalidade, uma imortalidade feliz, tem tão pouca influência, quando as coisas

vãs e transitórias desta vida nos afetam tão intensamente e nos ocupam em sua busca? Em que consiste o maravilhoso mecanismo de nossas paixões que são impelidas pelos pequenos e insignificantes objetos dos sentidos, ao passo que as coisas de peso e de importância infinita são totalmente ineficazes. Se o céu engendrasses em nossos corações esperanças e desejos adequados a um objeto tão grande e excelente, indubitavelmente todas as ações da nossa vida concorreriam evidentemente para a sua consecução. Já não seria possível buscar os efeitos da revelação de nosso Salvador entre nós.

Quem quer que visse um cristão o tomaria imediatamente por um peregrino na terra, caminhando no caminho direto para o céu. Então, apesar de tudo, deveria haver coisas nesta vida, tão cheias da próxima e tão livres do vício e da corrupção que atualmente mancham nossa profissão. Se, então, pudermos descobrir como é possível que o nosso desejo de vida e imortalidade seja tão fraco e ineficaz, veremos em alguma medida a causa dessas muitas contradições que são muito evidentes entre a fé e a prática dos cristãos, e seremos capazes de resolver esse grande enigma, ou seja, que os homens devem pensar na infinita felicidade eterna ao seu alcance e dificilmente fazer alguma coisa para obtê-la. Os desejos racionais são veementes em proporção à bondade e, se posso falar assim, à possibilidade de alcançar seus objetos; pois o que provoca desejo o faz mais ou menos segundo seja mais ou menos desejável; e o que faz que uma coisa seja desejável é a sua boa qualidade ou agradabilidade para a nossa natureza, e também a probabilidade de que sejamos capazes de obtê-la. Porque o que aparentemente está fora de nosso alcance não nos afeta, o desejo é um estímulo para a ação e nenhum agente racional direciona suas ações para o que ele vê como impossível. Sei que um filósofo tardio e incomparável terá a inquietação atual que a mente sente, que normalmente não é proporcional à boa qualidade do objeto, para determinar a vontade. Mas não falo dos habituais apetites animais dos homens, senão dos desejos racionais bem fundamentados, que, pelo que foi dito, é claro que estão em uma razão direta e combinada da excelência e da certeza de seus objetos. Assim, um objeto com metade da bondade e o dobro da certeza, e outro com metade da certeza e o dobro a bondade, são igualmente desejados; e sem exceção essas quantidades, nas quais as recompensas são reciprocamente como as possibilidades, são igualmente estimadas. Permita-me agora, mediante esta regra, provar o valor que devemos depositar nas promessas do nosso Salvador, com que grau de zelo e desejo nós devemos com direito buscar aquelas coisas que Jesus Cristo trouxe à luz por meio do Evangelho. A fim de fazer isso será conveniente considerar a excelência delas e, em segundo lugar, a certeza de que as obtemos ao cumprir as condições sob as quais elas são prometidas.

Primeiramente então, as coisas prometidas por nosso Salvador são a vida e a imortalidade; isto é, na linguagem das Escrituras, a felicidade eterna, uma felicidade abundante como os nossos desejos, e aqueles desejos não limitados aos poucos objetos que atualmente recebemos de algumas entradas insensíveis da percepção, mas proporcionais ao que nossas faculdades serão quando Deus tiver dado a pincelada final à nossa natureza e nos tornado habitantes dignos para o céu – uma felicidade que nós míopes mortais desgraçadamente indicamos para nós mesmos através de prados verdes, bosques perfumados, sombras refrescantes, riachos cristalinos e outras idéias agradáveis que nossas fantasias podem recolher neste vale de miséria, mas em vão; uma vez que o próprio apóstolo, que foi arrebatado para o terceiro céu, não pôde oferecer outra descrição senão esta descrição vazia e enfática a seu respeito: ‘é o que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem para conceber’.¹ Agora, pela regra precedente, o perigo, embora nunca tão pequeno e incerto, de um bem tão infavelmente, tão inconcebivelmente grande, deveria ser mais valorizado e buscado do que a maior garantia que podemos ter de qualquer bem sublunar; uma vez que naquela proporção este bem é mais certo que aquele, e muito mais ainda à medida que aquele bem é mais excelente que este. Portanto, não será preciso indagar nada sobre a segunda coisa que deveria ser considerada, a saber, a certeza do prêmio, que é bom o suficiente para justificar a preocupação de todos os nossos cuidados, indústria e afeição pelo menor perigo de obtê-la.

Seja qual for o efeito que a paixão animalesca possa ter sobre alguns, ou a falta de consideração e a estupidez sobre outros, creio que não há nenhum entre nós que pelo menos não pense que é provável que o Evangelho possa ser tanto verdadeiro como falso. Claro que eu não sou alguém que pode dizer que ele tem duas possibilidades contra uma do lado contrário.² Mas quando a vida e a imortalidade estão em jogo, devemos desempenhar o nosso papel com medo e temor, ainda que as possibilidades sejam de cem para uma e não obstante no final estejamos enganados. Não se houver alguma ou a menor perspectiva de ganharmos um prêmio tão nobre. E ninguém pode negar que existe essa perspectiva, nem o mais ousado libertino ou mais obcecado ateu. Por isso é evidente que, se nossos desejos das coisas trazidas à luz pelo Evangelho fossem tais como em estrita razão deveriam ser, nada poderia ser mais veemente e intenso, nada mais firme e constante do que eles; e o desejo ao produzir inquietude, e a inquietude agindo em proporção a si mesma, segue-se necessariamente que devemos fazer da vida e da imortalidade nossa principal ocupação, direcionando todos os

¹ Referência a *Coríntios*, 2:9.

² Segundo Luce & Jessop, trata-se aqui de uma adaptação do argumento da aposta de Pascal.

nossos pensamentos, esperanças e ações dessa maneira, e ainda fazendo algo para uma aquisição tão nobre. Mas já que é evidentemente de outra forma, já que as preocupações frívolas desta vida atual nos ocupam, de modo que não podemos ter tempo livre para lançar um olhar sobre o futuro e olhar para além do túmulo, é uma consequência óbvia que não temos um desejo racional pelas coisas trazidas à luz por nosso Salvador, e isso porque não empregamos nossa razão sobre elas como o fazemos a respeito de preocupações mais triviais. É por isso que a revelação da vida e da imortalidade tem tão pouco efeito em nossas vidas e conversas. Nós nunca pensamos, nós nunca raciocinamos sobre elas. Agora, por que os homens que podem raciocinar bastante bem sobre outros assuntos devem agir de maneira tão notoriamente besta e estúpida em coisas de importância primordial? Por que eles deveriam se mostrar tão tolos e estúpidos aos apelos repetidos e às promessas de Deus? Creio que pode haver também as ocupações ordinárias do céu, e, portanto, elas podem não nos envolver de maneira tão forçada na sua contemplação. Em segundo lugar, pensa-se menos nelas porque as imaginamos a uma grande distância. Quanto à primeira, é verdade que não podemos ter nesta vida nenhuma idéia determinada dos prazeres da próxima, e isso por causa de sua natureza incomparável e transcendente, que não é adaptada à nossas atuais faculdades débeis e estreitas. Mas isto me parece suficiente, para que sejam excelentes além do horizonte de nossa imaginação, que elas serão tais que Deus, sábio, poderoso e bom, julgará conveniente honrar e abençoar sua família também. Se o Todo-Poderoso nos incutisse novas faculdades, e nos desse uma prova dessas alegrias celestiais, já não poderíamos mais viver neste mundo, não poderíamos desfrutar das coisas, mas deveríamos definhar e nos afastar com um desejo incessante ao enalço do próximo. Além disso, não poderia haver virtude, nem vício; não seríamos mais agentes livres, mas irresistivelmente impelidos a fazer ou sofrer qualquer coisa pela obtenção de tão grande felicidade. Quanto a segunda razão atribuída para nossa negligência da vida vindoura, a saber, que ela parece estar a uma grande distância de nós, ainda sou muito propenso a pensá-la assim, embora, na medida do que eu posso ver, sem nenhuma razão. O mundo no qual vivemos não pode ser comparado ao templo de Alexandre, o Impostor, como descrito por Luciano.³ Tinha uma porta dianteira e uma nos fundos, e uma contínua pressão entre uma e outra, de modo que havia pouca oportunidade para que alguém observasse o que se passava no interior. Exatamente assim vemos diariamente uma multidão que enche o mundo e sai diariamente dele; temos pouco tempo para olhar ao nosso redor, e se quedássemos cada um com a sua própria experiência, nós poderíamos saber muito pouco

³ Berkeley se refere aqui a obra *Alexandre e o falso profeta*, de Luciano de Samósata.

sobre a própria terra ou sobre aquelas coisas que o Todo-Poderoso colocou nela, tão rápido é o nosso progresso desde o ventre até a sepultura; e, no entanto, esse período da vida, esse momento de duração, somos suficientemente insensatos para considerar como se ele fosse mais longo do que a própria eternidade. Mas, admitindo-se que a felicidade prometida nunca esteja tão distante, e que ela nunca pareça tão pequena, o que ela é então? É um objeto na realidade pequeno porque parece assim tão distante? Pergunto-me se um homem estimará as coisas pelo que elas realmente são em si mesmas ou somente pelo que elas parecem ser?

Passo agora a terceira e última coisa proposta, a saber, mostrar como a revelação da vida e da imortalidade de nosso Salvador pode vir a ter um efeito maior em nossas vidas e relações. Se tivéssemos apenas um desejo ardente pelas coisas trazidas à luz pelo Evangelho, indubitavelmente se manifestaria em nossas vidas, e deveríamos ter sede de justiça como o cervo brame ao encalço dos riachos de água. Ora, para engendrar em nós mesmos esse zelo e essa preocupação pela vida e pela imortalidade, precisamos apenas, como já foi feito, lançar um olhar sobre elas, pensar e raciocinar sobre elas com algum grau de atenção. Que qualquer um abra os olhos e veja os dois caminhos diante dele - um que conduz pelos caminhos retos e pacíficos da piedade e da virtude para a vida eterna; o outro deformado com toda a maldade do vício e terminando na morte eterna – digo, deixe que qualquer um olhe diante dele e veja os dois caminhos com uma atenção razoável, e depois escolha o que deseja. Um homem que toma esse curso não pode estar enganado em sua escolha; e não é esta uma coisa pequena para pensar e refletir um pouco sobre as profecias do Todo-Poderoso? Se alguém nos propusesse uma negociação que trouxesse consigo alguma perspectiva de vantagem mundana, não deveríamos sem dúvida pensar que valeria a nossa consideração? E quando o Deus eterno nos faz uma oferta de felicidade ilimitada como nossos desejos e duradoura como nossas almas imortais – quando Ele envia Seu bem-amado Filho nesta importante mensagem, devemos permanecer estúpidos e desatentos; e deve-se dizer para nossa censura que a vida e a imortalidade são pérolas diante dos porcos? É verdade que a maioria das pessoas tem uma aversão peculiar ao pensamento, mas acima de tudo preocupar-se com uma outra vida está muito longe de estar na moda. O mundo vindouro ocupa pouco os nossos pensamentos e menos ainda as nossas conversas. Riqueza, prazer e promoções constituem as grandes ocupações de nossas vidas; e estamos de todos os lados expostos às solicitações dos sentidos, que nunca deixam de afastar nossos pensamentos dos bens remotos. Mas que isso nunca esteja tão fora de moda, que isso nunca seja uma tarefa tão penosa e trabalhosa; aquele que quiser desfrutar o céu na próxima vida deve pensar nisso; ele deve superar os estorvos dos sentidos e

do prazer, por vezes, para ter um pensamento sério sobre a eternidade, e lançar um olhar para a gratificação da recompensa. Em suma, aquele que não está decidido a andar com os olhos vendados até o inferno deve olhar ao seu redor a tempo, enquanto se encontra em terreno firme, e a partir deste mundo presente tenha uma perspectiva do próximo, em comparação ao qual toda a terra e tudo o que está contido nela, no estilo elegante de um profeta⁴, não passam de uma gota num balde, o pó numa balança, sim, menos que nada.

Concedais, nós te suplicamos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que as palavras que ouvimos hoje com nossos ouvidos possam, pela Tua graça, ser enxertadas intimamente em nossos corações, que elas possam produzir em nós o fruto da boa vida, para a honra e louvor do Teu Nome; através de Jesus Cristo, nosso Senhor.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo, estejam conosco para todo sempre.

* * *

Recebido em: 13 jun. 2018.
Publicado em: 12 jul. 2018.

⁴ Berkeley refere-se aqui ao profeta Isaías 40:15.